

A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Português

Redactor principal:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção:

AGOSTINHO F. REICHA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

CONFRONTO

...uma Causa que tem a de-
fendê-la gente como a que
se batou em Monsanto...

Da Monarquia.

Quem tenha seguido nos jornais o julgamento dos combatentes monárquicos aprisionados em Monsanto — e alguns dos mais categorizados foram julgados já — não pode ter deixado de notar o espectáculo deprimente que elles teem oferecido. Esses homens, que, envergando uma farda em que luziam galões, conduziram sob o prestigio da disciplina os seus soldados á revolta, desfaldando sobre o reduto em que se entrincheiraram a bandeira do antigo regime, que espectáculo, senão o da covardia, estão dando a quem neles repara? Todos, á excepção de dois deles — um dos quais civil — não só repudiam as responsabilidades que lhes competem pelos actos praticados como — o que es exautora — as suas próprias convicções. E esta attitude, desqualificando-os a um por um no conceito dos adversários que os venceram a peito descoberto, destitue-os perante o país que os sofreu. E' o que convém salientar para que todos meçam o valor moral da causa monárquica. Quando uma causa não inspira aos seus paladinos senão as attitudes obliquas da covardia essa causa está perdida. Há uma justiça imanente no mundo! Seria preciso que ela não passasse de uma ilusão do nosso espirito para que fosse licito supor que pudesse, a final de contas, triunfar uma causa que, não tendo por si a força, tampouco possuí os valores imateriais que se convertem em altiva coragem perante o infortunio e em estoica fidelidade ante a derrota.

Eu compreendo que o conspirador negue que conspira. O conspirador não pode deixar de ser um dissimulador. E', até por isso, principalmente, que nem contra Sidónio Pais em o quiz ser e só no lance da acção, quando a conjura se transmutava em revolta, me dispus a colaborar nela. Mas que homens que tomaram as armas e lutaram, á luz do sol, neguem depois, por que foram vencidos, a intenção com que o fizeram e até que se tenham batido, é o cúmulo da abjecção e da baixezza. A esses homens fardados que assim procedem, quem poderá olhá-los com respeito? Miseráveis, que tudo enlameiam! Eu não nutro por elles senão desprezo, um desprezo profundo e infinito, um desprezo que me vem do amago e traz consigo as agonias do volvo. Vencidos? Há derrotas resplandecentes e heroicas que valem bem muitos triunfos. O capitão Leitão, do 31 de Janeiro, também foi um vencido. Mas quando ele gritou no conselho de guerra —

guiou-me a ideia do bem do meu país e tenho fé que essa aurora redentora há de vaiaar um dia — quando esse homem, num rasgo de eloqñencia, que só o sentimento fez brotar, exclamou ante o tribunal tão hirto como assombrado — não receio penas, não temo castigos, soffro como patriota! — a sua derrota aureolou-se de uma beleza imortal e foi, desde esse instante, mais gloriosa do que a vitória miseranda dos pretorianos da realza. Vencidos? Mas há vencidos e vencidos. Entre o sargento Abilio, de caçadores 9, que no julgamento de Leixões, perfilado ante os seus juizes, começou por dizer que o seu crime não havia sido de revolta, mas de rebelião por que tinha vindo para a rua para implantar a República e destronar o rei, e esses agalados sem brio que declaram não ter visto solta ao vento a bandeira monárquica, há uma dessemelhança que é absolutamente impossivel desconhecer. Esses homens ninguém tem o direito de os confundir e igualar! Seria uma afronta vil ao sangue dos que morreram nessa jornada que tantos — digamos a verdade toda! — repudiaram apenas porque foi vencida. Vencidos, os homens de Monsanto? Perfeitamente! Mas esses homens nem sequer são dignos dos caracteristicos da virilidade. Moralmente, são uns insexuados. Há derrotas resplandecentes e heroicas — repito. A deles, não! O que sobre tudo os derrotou foi a sua própria organica e vergonhosa covardia.

A distancia moral que vai dos vencidos republicanos do 31 de Janeiro aos vencidos monárquicos de há meses marca a razão de ser da República em Portugal. Enquanto a bandeira monárquica não consegue cobrir senão snobs pedantes e truculentos fanáticos — são excepções rarissimas os que nestas categorias se não integram! — a República tem muito mais do que a jolda dos seus estadistas de fancaria e dos seus insaciaveis devoristas. Tem o coração constantemente pulsando de uma massa anónima e sublime que por ela tem soffrido sem descanso e sem prémio e foi preciso ver implantadas na terra da Pátria as instituições com que sonhou para que viesse a padecer as humilhações supremas e os ultrages que não cicatrizam nunca. E' ela, essa massa obscura e intrépida, que com o seu idealismo incorruptivel sustenta e defende a República através de tudo. Se Portugal chegou a ter representação no front a ela sobretudo se deve.

Não vimos nós um batalhão do 35, de Santarem, apresentar-se em Lisboa, á hora de embarcar para França, sem os officiaes que lhe pertenciam?! Pois bem! E' necessário que nessa gente se não repare apenas nos lances em que urge pegar

numa espingarda e jogar a vida pela República. Com que direito se atreve alguém, seja quem for, a preconizar uma amnistia aos insurrectos monárquicos que após um ano de mal encoberta e odiosa dominação — mercê da política do «grande morto» — levantaram armas contra a República e praticaram, sob a bandeira da restauração, os flagícios mais hediondos? Quem pode acreditar na sinceridade e na intelligencia de quem ousa falar em conciliação mediante uma amnistia que, a dar-se, não significaria generosidade, mas somente fraqueza? Não, não pode ser! Se neste país ainda é possivel um movimento civico que no propósito de defender a República se inspire, é necessário que elle se dê para impedir que semelhante ignomínia se cometa. Amnistiar os rebeldes permanentes de há oito anos, os homens da revolta de Mafra e da campanha germanófila, os homens das juntas militares e, finalmente, da Tralitia e de Monsanto, os que ainda hoje, pela pena de Nemo, proclamam que a República é um regime só de facto, seria exautorar-nos todos! Esses vencidos que flagelaram nos suplicios do Eden, no Porto, os republicanos sem defesa, e que se o não tivessem sido depois nos esmagariam sem piedade, não são mais dignos da nossa magnanimidade de vencedores. Seria estúpido reincidir nela. E indecoroso. Quem se educou no exemplo luminoso dos insurrectos do 31 de Janeiro, cujo estoicismo ante o infortunio ficou constituindo uma lição nitida e imperecível de moral, não pode, de resto, sensibilizar-se com a punição severa e justiceira dos derrotados de agora. Eles não inspiram nem o respeito nem a comiserção. São reles e ferozes de mais para inspirar esses sentimentos. Não comovem nem pela bravura nem pelo soffrimento. Não chegam mesmo a ser gente; pertencem áquella categoria que os Goncourt chamaram «pacotilha humana».

Mas porque será — meu Deus! — que, não tendo eu sido nunca jacobino, o estou parecendo agora?

Bourbon e Menezes.

A um astro

(Sonhos dum ausente)

A J. G.

Nasci no ceu a luz e logo ao vê-la,
Estrela aos milhões p'lo firmamento.
Sumi-me agora a luz e n'um momento
Deixou de scintillar no ceu a estrella!

Gostem de vêr a soberana bela,
Expandindo no ceu seu sentimento:
Consagram-lhe o amor e o pensamento,
E anchem que a paixão possa vencê-la.

Eu também vi um astro radiante,
Passando como um astro fulgurante,
Gerando amor, matando-me o sentido...

Só sonho com a glória de estrella,
Pra poder contemplar, amar e cre-la...
— Será sonho? Serai correspondido!...

Jerónimo Rocha.

Coimbra—Janeiro de 1915.

SÚPLICAS

Oh! Deus! Vós que soffrestes mil agruras
De todos nós que somos pecadores,
Dai, oh! meu Senhor, cura ás minhas dores
E acabai com as minhas desventuras!...

Bem sabeis como é triste o meu viver,
E se de mim não tendes compaixão
E' porque o vosso terno coração
Não tem pena de tanto padecer...

Senhor! Senhor! Os vossos meigos olhos
Lançai sobre quem vive em mar d'abrothes,
Em um clarão de luz de intenso brilho!

Tende paxar, Senhor do desditoso
Que em vós confia, todo esperançoso,
Porque vós sois meu Pai, e eu vosso filho...

Guimarães—Setembro, 919.

João da Sociedade

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Homenagem ao Conde de Margaride

Uma proposta importante e humanitária

Na reunião de 4 do corrente desta prestante Associação, á qual preside o nosso illustre amigo e talentoso vimaranense, sr. dr. Eddardo de Almeida, foram tomadas varias e importantes deliberações de interesse colectivo e outras de caracter geral para esta cidade que passamos a reproduzir.

O sr. dr. Eddardo de Almeida, usando da palavra, proferiu as seguintes considerações sobre o voto de profundo sentimento que propôs pelo falecimento do illustre vimaranense sr.

Conde de Margaride

Sendo esta a primeira sessão que se realiza após o falecimento do sr. Conde de Margaride, no dia 30 de Julho, cabe-me o dever de propor se lance na acta um voto de profundo sentimento. A Associação Commercial representa uma grande e boa parte da população de Guimarães, terra que justamente se orgulha e é reconhecida como laboriosa: enluta-a por isso, como a todas as outras classes, incluindo as operárias, que concorridamente acompanharam o funeral com as suas bandeiras, numa grata expressão de reconhecimento a uma das mais belas virtudes do homem — a Bondade —, a morte daquele vimaranense. Não foi só a Bondade, que em sua Ex.ª se traduzia numa constante pratica do Bem, saudado, conhecido, amado de toda a pobreza, que numerosa, por vezes ávida, o esperava á porta de sua casa, no passelo, sempre que o avistava, imperfeitamente e humilde; não foi só a honradez, preliminar de qualquer espécie de nobreza ou fidalguia, o que nêla tinha o acentuado vinco dumã ansteridade de caracter amigo, que impuham o Conde de Margaride ao máximo respeito e á desartificosa admiração da cidade.

A' compleição moral, civil e politica do Conde de Margaride cabe adequadamente o nome desbotado mas preciso de illustre.

Na sua despreocupada infancia, quando brincava com esse que foi depois o lustre maior da sciência em Guimarães — Martins Sarmiento —, corria tumultuosa a chamada revolução da Maria da Fonte — e a cada passo os montes repercutiam o tiroto das

povoações em motins —; a leuga agonia da sua valhica foi cortada de dramáticas peripécias, essas verdadeiramente revolucionárias, nesta fobia de regimes em que a mais desastrosa incoherencia politica vai tornando pavorosa a nossa ruina financeira e hostis e odiosas e impossiveis as mais naturais relações entre os homens da mesma Pátria. No periodo activo da sua vida politica, Governador Civil, Par do Reino, recebendo em sua casa Reis, Rainhas e Príncipes de Portugal, exercendo uma influencia ainda mais directa e immediata nos partidos locais, o Conde de Margaride conjugou excepcional e admiravelmente duas qualidades, que se pretendem vulgares até ao escarinho encolher de ombros, e se encontram rarissimas e apenas em espiritos perfeitamente educados ou tocados — um tolerante e radicado amor á liberdade e uma risonha e honesta sensatez, a tecnica de ser habil sabendo ser justo —.

Este sabor portugnês, tão ao feitio da nossa raça, que apenas se deixa mover, e então se sobressalta, alarma e epilêpsia, por questões de sentimento, e que, se tivessem sido compartilhadas por muitos dos seus contemporâneos, dariam outro rumo aos negócios publicos, deixou o sr. Ex.ª perfeitamente vincado nos discursos que pronunciou na Câmara Alta, nas suas conversas, no seu tino engenhoso e previdente de administrador, num país e num tempo em que se faz moda e é gala a dissipação boémia, e até e muito na sua proposta de abstenção das pequenas tricas electorais e de campanário, onde tantos chegaram a desconhecer-se a si próprios!

E nem por isso o Conde de Margaride trabalhou menos eficazmente para o progresso de Guimarães. Ao contrário. O seu nome anda envolvido e á frente, marcando trabalho, dizendo entusiasmo, invulneravel á cansaça, de todos esses movimentos ardentes e moços pela emancipação do concelho, nas lutas mais fremidas pelas prosperidades de Guimarães. Quem percorrer as coleções dos nossos jornais, se esta designação pertence também á imprensa proxima, naturalmente no periodo que delto,

de 1884 a 1896, pode reconhecer um signo de avanço e não menos comovida gratidão como o Conde de Margarido multiplicava a sua actividade pugnando pelas nossas velhas regalias em esboço no se na conquista de novos melhoramentos, para falando num comício no Teatro pela conservação da Congregação, logo mantendo na Câmara o decrto do Municipio, insurgindo-se, descombradamente contra as prepotencias da regalia, e para a defesa dos direitos e vantagens publicas e individuais e levando a cabo a defesa do concelho, da sua cidade de Par, as reclamações atinentes aos nossos interesses.

Faria do facto interessante e edificativo essa historia de há dias e já progressa. Uma nevoa de saudade, e só na verdadeiramente saudades do pois dos trinta anos, desde sobre o nosso espirito ao recordarmos a Luísa Guimarães de seu tempo, que teve juristas como Bento Cardoso, José Sampaio e Avulho Guimarães, médicos como Avulho Germano, o diagnosticador presente e seguro, o Meira... um P.ª Caldas, historador, orador e montanhos, paesagens da natureza fragorosa como os P.ª Sargenta e Abreu... publicistas como Alberto Sampaio, musicos o cradores, raros e gataueclas de cavaleiros, os ultimos pasteis do freiras no lucario gradeado de Santa Clara e os primeiros assomos da revolução libertadora nas mãos de Senhoras bordando bandeirolas e frequentando uma escola de rendas, os silvos das fabricas, a supremacia intelectual de Martins Sarmiento...

Em essa época, entre essa genti homeria de civilismo, de graça, de trabalho, que a figura do Conde de Margarido avulta e é nessa pleiade illustre que o seu nome se ilustra para a posteridade.

A Associação Commercial de Guimarães teve a sua campã a sua saudade e a sua gratidão.

Termineo pedindo fique transcrito na acta textualmente o meu voto e dele se dê conhecimento a familia do extinto, por intermedio de seu filho, o Ex.ª Sr. Dr. Henrique Margarido.

Sob a epidemia do lilo exaustivo e da variola, foi apresentada por S. Ex.ª uma proposta concebida nos seguintes termos:

1.ª - Que se officio ao Govern. expondo o estado sanitario do concelho, o inerte desleixo a que estamos votados, reclamando providencias e pedindo a concessão de um subsidio para a montagem de um posto de despolhamento, dum balneario e dum estufa para a conveniente installação dos servicos hospitalares.

2.ª - Que se chame a atenção da Câmara Municipal sobre este assunto, lembrando a conveniencia e pedindo:

a) Faça executar com o mais intensivo rigor o codigo de posturas na parte relativa a limpeza da cidade.

b) Inclua no orçamento, ou cubra um orçamento extra-orçamental, uma verba destinada a desinfecção das casas habitadas pelas classes pobres, mandando-as esfregar e calar, e determinando de forma positiva assim procedam os sahi-ras de outros predios que não suspeição sanitaria de como por...

c) Promova por todos os meios ao seu alcance a execução das medidas aciona, applicadas como devendo solicitar se do Govern. ...

d) Inicie e prosiga numa obra de hygiene publica, fazendo demolir a violação que, existe dentro da cidade.

3.ª - Que se inste com o sr. administrador do concelho para que urgente, o mais depressa possivel, juntamente com o sr. presidente da Junta Municipal, a representação propositiva assombrada, que se está discutindo e se está instando os honrosos membros e por outro lado, transito de pessoas de gentes e de familia, fazendo logo saber, e a maior urgencia, em conter as ondas de assalto duma epidemica e medonha doença, mavendo a industria, com prejuizo dos verdadeiramente necessitados.

e) Se não peça mande prender todos os que foram encontrados em estado

de imundicie repelente, cobertos de piolhos e os faça lavar e as suas roupas, sendo depois restituídos a liberdade.

4.ª - Que se espalhe profusamente em prospecto, devidamente elaborado por um medico, contendo em linguagem acessivel ao entendimento de todos, os preceitos rudimentares da hygiene, prevenção e defesa contra as epidemias da variola e do lilo.

5.ª - Que se apele para as autoridades sanitarias superiores, expondo a situação do concelho e reclamando providencias, em nome de tantas vidas ameaçadas.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Também foi tomada a deliberação seguinte: insistir junto do ministerio das finanças para que sejam tomadas providencias no sentido de serem substituidas as cedulas de 5 e 10 centavos, verdadeiramente imundas, contagiosas de moléstias, tão rotas que já não são usadas, e que andam em curso nesta praça.

O DINHEIRO

O dinheiro é um passaporte universal para toda a parte menos para o céu.

O dinheiro é um agenciador de todas as coisas, menos da felicidade.

O dinheiro é um idolo que se venera em todo o mundo, sem templo nem cultos determinados, adorado por todas as classes sociais sem que produza um só hipócrita.

O dinheiro é única comodidade da vida que está sempre na moda, e que passa inalteravel de geração em geração.

O dinheiro é um hospede desejado, cuja chegada é sempre tardia, e cuja partida é lamentada.

O dinheiro é o maior consolo da vida cujo valor é reconhecido por aquele que, possuindo-o, não o gasta.

Um yanque generoso

Donativo de 18 milhões de dollars PARA O ENSINO DE YALE

Exemplo digno de imitação

O procurador de Nova York, mr. John W. Sterling, enviou a Universidade de Yale 18 milhões de dollars dos 20 que ofereceu, com destino a construção dum edificio onde estabeleceriam associações scientificas e literarias e cátedras de todas as classes, com material moderno e grandes bibliotecas.

Conceder-se-hão louvores e premios e ao ensino serão admitidos todos os que desejem aprender. Na biblioteca terão estes a sua disposição quantos livros e documentos lhes sejam indispensaveis para os estudos.

A esplendida doação de mr. Sterling é uma prova de grandão a Universidade de Yale foi aluno, e que o fez em condições de elevar-se ao ponto social que hoje occupa.

LITTERATURA

Cartas ao meu Amor

Meu Amor: Me quer o mar, mais forte que a terra e o meu amor, que me abraça e me abraça.

Meu Amor: Como uma ave exul que o dia impelliu, eis-me aqui, em gente que não com pretendo e lugares que não conheço, desamparado e triste, vagando por toda a parte, como se te procurasse para me dares forças e alento, para converter, amigo,

Carpindo numerosas e agudas dores, o meu peito enfraquecido sente intensas saudades de ti, meu amor, e desse oasis tão lindo, em que nós eramos os senhores, que julgavamos até que seria para sempre a nossa Pátria, e que na hora derradeira nos fosse ainda a nossa tumba. Enfim, aqui estou, sentindo dores e pezares, a lastimarme, a pensar em ti e no nosso amor... Quando te verei, minha querida? Eis a pergunta que a mim próprio sempre faço, e a qual não sei responder-l'...

ral superior á daquele Ministro das Obras Públicas que, nos tempos do velho regime, fez pagar, durante anos, por bom dinheiro, os servicos que um mestre, belga por sinal, contratado para a fiação e tecelagem da mesma E. cola, nunca chegou a utilizar, por falta da conclusão das respectivas oficinas, hoje impropriamente aproveitadas para quartel de infantaria.

Dr. Fonseca Lima

O sr. dr. João Caetano da Fonseca Lima, actual Governador Civil de Braga, e conservador do Registo Predial em Espinho, foi transferido desta vila para idêntico lugar do Registo Predial, na cidade de Braga.

Veraneando

Partiu no passado sábado para a Póvoa de Varzim o nosso presado amigo e distinto jornalista e velho republicano, sr. A. L. de Carvalho, nosso colega da «Alvorada».

Também se encontram na mesma praia, os srs. José Mendes Ribeiro, importante industrial do Peydem, dr. Adelino Jorge e ex.ª familia, dr. Florêncio Lobo, ex.ª esposa e filho, Visconde do Paço de Nespereira, P.ª Alfrêdo João da Silva Correia, António Caires Pinto de Madureira, José Ladeira Guimarães, Manuel José Pereira, das Taipas, Francisco de Araújo de Nespereira, José Figueiras de Sousa, Francisco Gonçalves da Cunha, dr. António José da Silva Basto e muitos outros que não nos ocorre os nomes.

Como de costume, a colónia viamaranense está largamente representada naquela ridente praia.

António Barbosa

Partiu para a Póvoa de Varzim, acompanhado de sua dedicada esposa, o nosso querido amigo e correligionário sr. Antuio Barbosa de Abreu Guimarães, dignissimo ajudante da Repartição do Registo Civil desta cidade e administrador de «A Velha Guarda».

Pelo Exército

Das prisões do quartel de infantaria n.º 20, onde se encontrava recluso por motivos politicos, evadiu-se o 2.º sargento Augusto Serôa e Costa.

Foram presos o comandante da guarda da policia e algumas praças, que parecem estar cúmplices na fuga.

Foi determinado pela Secretaria da Guerra, que, enquanto S. Ex.ª o Ministro o não autorisar, nenhuma praça de pret, das que foram convocadas para serviço extraordinario podera ser readmitida para efeito de vencimentos, enquanto não for ordenado o seu licenciamento.

A Ordem do Exército, ultimamente publicada, insere um decreto sobre emigração que estabelece penas severas para os propagandistas da emigração e para os agentes quando faltem ao compromisso tomados com os emigrantes. Além destas e doutras disposições, que muito devem contribuir para evitar a emigração em massa, exige de todas as autoridades a sua repressão.

Foi exonerado do comando do Regimento de Infantaria n.º 20, o tenente-coronel, sr. Alcino da Costa Machado.

Uma familia de passadores de moeda falsa

A policia conseguiu capturar, na tarde de sábado ultimo, os seguintes individuos passadores de notas falsas de 20 escudos:

Rosa Pereira, Clemencia Pereira, Ana Pereira, Delfim de Lemos, Francisco Gonçalves e Domingos de Almeida, todos do Peydem.

Recolheram nos calabouços da esquadra de policia, donde vão transitar para o poder judicial.

Foram encarregados desta diligencia, que levaram a cabo com a maior pericia, o 1.º cabo S. Romão e o guarda Conceição.

Para a Capital

Partiu ontem, com demora de alguns dias, o nosso presado amigo e correligionário, Francisco Pires, muito digno Chefe de Policia desta cidade.

Fundo

É do nosso presado colega lisboense «A Manhã» o nosso editoral de hoje, que, com a devida venia, transcrevemos.

Expediente

Tendo a segunda fasc de «A Velha Guarda», completado 6 meses de existencia, vamos proceder a cobrança do 1.º semestre.

Aos nossos presados assinantes da cidade ser lhes há apresentado o recibo pelo cobrador, dignando se honrar-nos com o seu bom acolhimento.

Aos do concelho e de fora nós vimos pedir lhes a fizeza de nos enviarem a importância do 1.º semestre, evitando nos despesas com a cobrança pelo correio.

Edital

Escola Industrial «Francisco d'Hollanda» - Guimarães.

Está desde já aberta a matrícula para os alunos que pretenderem frequentar esta Escola no ano lectivo de 1919 a 1920.

As disciplinas professadas são:

- a) Desenho geral.
- b) Desenho ornamental e modelação.
- c) Desenho mecânico.
- d) Língua patria e leonês.
- e) Arithmetica e Geometria.
- f) Principios de Física e Quimica.
- g) Quimica industrial.
- h) Geografia e Historia.

Todos os dias, sem excepção, das 11 ás 15 e das 19 ás 21 horas, serão prestadas na Secretaria da mesma Escola todos os esclarecimentos para o mencionado fim.

Guimarães, 9 de Setembro de 1919.

O Director da Escola,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

Casa

Vende-se uma, com o n.º 27, tendo quintal, na rua 5 de Outubro, desta cidade. Falar nesta Redacção.